

Cláudia Maria de Jesus Castro; Cláudia Valente Cavalcante

JOVENS DE TERREIROS E OS SABERES DA MATA NAS RODAS DE CONVERSAS: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO

Nome: Cláudia Maria de Jesus Castro

Titulação: Mestranda

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Nome: Cláudia Valente Cavalcante

Titulação: Doutora

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Resumos:

Esta comunicação decorre de estudos feitos para a composição de minha dissertação de mestrado que está em andamento e traz como tema central a religião de matriz africana. Objetiva apresentar uma discussão acerca da relação existente entre as práticas ritualísticas de cura com a natureza e os valores que os jovens de terreiros expressam ao lidarem com os ensinamentos de sua religião. A investigação parte do entendimento de que a juventude não é apenas uma categoria parametrizada por uma faixa etária, mas um grupo social que estabelece diferentes relações entre o mundo objetivo e subjetivo. Nesse sentido, a religião é um dos espaços importantes para a compreensão da condição juvenil e o respeito que os jovens têm pela natureza ao utilizarem esta paisagem natural como local de culto e também de práticas rituais. Assim, a pesquisa prima por uma investigação para o conhecimento do valor atribuído às folhas sagradas empregadas no contexto desta religião, bem como sua importância nos rituais, por isso faz-se necessário conhecer em que situação e onde especificamente elas são empregadas. Destaca-se a importância delas na preparação de amacis, banhos, bebidas, rituais, remédios, pois as folhas sagradas, dentro da mística das comunidades tradicionais de terreiros, são imprescindíveis na sustentabilidade da religião dos orixás. Sendo esta questão ressaltada em uma frase: “Sem folhas não há orixás”. Sendo assim, o fato de a natureza estar sofrendo um processo de depredação tem se tornado uma das grandes preocupações dos praticantes destes cultos e rituais que buscam preservar a cultura africana.

Este artigo decorre de estudos feitos para a composição da dissertação de mestrado, a qual se encontra em andamento e vinculada à linha de pesquisa Educação, Cultura e Sociedade do PPGE da PUC-GO e tem como objetivo geral investigar quem são os jovens de religiões afrodescendentes e os sentidos que atribuem à sua religião e à escola. Esta comunicação objetiva apresentar uma discussão acerca da relação existente entre as práticas ritualísticas de cura com a natureza e os valores que os jovens de terreiros expressam ao lidarem com os ensinamentos de sua religião.

O artigo intitulado *Jovens de terreiros e os saberes da mata nas rodas de conversas: um estudo bibliográfico* está dividido em dois subtítulos.

O primeiro, denominado *Sem Folhas Não Há Orixás*, visa oferecer uma discussão sobre a importância das folhas sagradas e sua empregabilidade dentro da mística das comunidades tradicionais de terreiros na sustentação da religião dos orixás. Também discute que a cosmovisão da ancestralidade prima pela preservação da natureza.

Já o segundo, *Os jovens e os valores atribuídos às ervas*, traz um breve apanhado histórico sobre a construção social da juventude e uma discussão acerca dos significados e sentidos que os jovens de terreiros atribuem à sua religião e os saberes que aprendem nas rodas de conversas, nos espaços chamados terreiros.

Sem folhas não há orixás

A frase do título que dá nome a este tópico reverencia a importância do meio ambiente nas religiões tradicionais de terreiros e uma relação integradora de homem-natureza. Oliveira (2015) diz que a sintonia com a Mãe-Natureza faz parte da tradição africana, pois a natureza é sagrada e divinizada pelos africanos e seus descendentes.

No que tange a empregabilidade das plantas ou ervas sagradas, as casas do povo-de-santo e os terreiros fazem constantemente utilização das folhas nas mais diversas situações ritualísticas. Camargo

(1988, p.1) sinaliza que “é reconhecida a importância dos vegetais nos rituais afro-brasileiros”.

Todo rito de passagem da mística do candomblé inicia-se com as folhas que são consideradas sagradas, porque fazem parte do fundamento religioso, pois, a exemplo, após o Padê de Exu e a defumação, também confeccionado com folhas secas, segundo o ritual, jogam-se folhas em todo o terreiro. Nota-se o quanto é relevante à utilização de plantas no interior desses espaços sagrados o que demonstra os candomblecistas. No entendimento de Oliveira e Oliveira (2007, p.81):

A sacralização da natureza é um aspecto fundante do candomblé. As plantas como outros fenômenos e objetos da natureza, são consideradas sagradas e possuem um papel fundamental na estrutura litúrgica do culto: desde os banhos de ervas nos rituais de iniciação, o batismo dos tambores, a lavagem de contas, a oferenda de alimentos, até os banhos de purificação e os remédios vegetais prescritos pelos sacerdotes.

Percebe-se que os terreiros constituem em espaços de socialização, de aprendizagem e de saberes, onde as crianças, as jovens e os jovens são preparados para integrarem na comunidade e respeitar os mais velhos. Nesses espaços, os saberes são transmitidos oralmente, por sua vez, a expressão oral e a relação presencial, agregam a dinâmica do processo ensino-aprendizagem.

Segundo Caputo (2012, p. 257):

Os terreiros como espaços de circulação de conhecimentos, de saberes, de aprendizagens. No cotidiano das casas de Òrisá e nas casas de Égún, se aprende e se ensina com as ervas, as comidas, a confecção das contas, as músicas, as oferendas votivas, as cores, os cheiros, as danças, os panos, as artes, as roupas, os artefatos, a vida, a morte. Tudo aprende e tudo ensina.

Contudo, “conhecer” as folhas constitui em um dos pilares fundamentais nos sistemas religiosos afro-brasileiros. Para Camargo (1988), inúmeros são os rituais em que as plantas e ervas estão presentes, dentre eles: de confirmação, de cura, dos alimentos aos orixás, de iniciação à religião, de benzimentos, de purificação, entre

outros. Sendo assim, destaca-se a importância delas na preparação de amacis, banhos, bebidas, rituais, remédios, defumadores, abôs, rituais etc. Assim, o segredo das folhas também é transmitido de geração a geração, trilhando os mesmos princípios realizados nos terreiros, porém, antes de qualquer cerimônia ou festa de obrigação, o ritual inicial começa já na colheita das folhas sagradas e no cuidado especial que se tem com elas. Cuidado esse, que os praticantes e, em especial, os jovens de terreiros aprendem nas rodas de conversas, segundo a tradição, exige que as plantas devam ser recolhidas, preferencialmente, pela manhã, quando ainda estão frescas e não próximas a estradas.

Na religião de influência africana, os mais velhos são reconhecidos como pessoas produtivas, valorizadas e respeitadas pelas crianças, jovens e adolescentes na comunidade pelo papel que desempenham como “bibliotecas vivas”. Diante disso, elas (re)passam conhecimentos dos ancestrais a seus filhos-de-santo, aos jovens sedentos de saberes e os demais relacionados à tradição, que as folhas mágicas pertencem aos orixás e Exú têm suas próprias folhas, dentre elas, cansação, urtiga que são usadas para assentamento. Também ouvem das bocas sábias, “arquivos de história e sabedoria”, que a divindade das folhas é Ossaim. Bastide apud Camargo (1988, p.2) diz “O orixá das folhas é Ossaim. Esse Orixá, segundo Bastide, não encarna em seu sacerdote. Babalossaim ou Olasain é aquele que se encarrega da colheita das ervas”. Nas palavras de Sousa Junior (2004, p. 126):

Oralidade não é algo que se opõe aos livros, mas que diz respeito a pessoas concretas, figuras que são capazes de representar mais do que qualquer compêndio e reunir explicações que não cabem nas bibliotecas tradicionais, pois são memórias vivas, não de particulares, mas de grupos.

Observa-se também nesta religião, a relação de respeito entre aquele que vai recolher as folhas sagradas e a divindade presente nelas, no caso, pedir licença, simboliza a afirmação de que o homem não é dono da natureza. Sendo esta questão ressaltada em uma frase:

“É da natureza que emana a força”. Sendo assim, as energias presentes nas folhas são forças vivas que agem e interagem no contexto.

Partindo desta perspectiva, Oliveira (2015) adverte que a literatura diz respeito não somente ao que se fala ao se ensina, mas também ao que se diz e ao que não se revela. Assim, nem tudo o que acontece no candomblé pode ser contado, para aqueles que se aproximam e até aos próprios membros da religião, muito menos aos pesquisadores. Usando o conto *Caroço de dendê*, para explicar o ato de guardar segredos, fragmento de uma das lindas histórias contadas por Mãe Beata de Yemonjá nas rodas de conversas.

[...] No mundo do lorubá, guardar segredos é o maior dom que Olorum pode dar a um ser humano. É por isso que todo caroço de dendê que tem quatro furinhos é o que tem todo o poder. Através de cada furo, ele vê os quatro cantos do mundo para ver como vão as coisas e comunicar a Olorum [...] (YEMONJÁ, 2002, p.97).

Desse modo, parece claro que a comunidade em investigação tem uma preocupação com a Mãe-Natureza, em que preservar é o objetivo imprescindível, sobretudo para a sustentabilidade da religião dos orixás. Logo, as conversas informais nas rodas de conversas e da preparação do barracão ou do terreiro para as cerimônias, entre outras, são momentos preciosos para o repasse (pautada na oralidade que circunda essa cultura) dos saberes às futuras gerações, em particular, aos jovens de terreiros. Com isso, a religião é um dos espaços importantes para a compreensão da condição juvenil e o respeito que os jovens têm pelos recursos naturais ao utilizarem esta paisagem sacralizada como local de culto e também de práticas rituais.

Os jovens e os valores atribuídos às ervas

A juventude tal qual a conhecemos atualmente é um produto sócio-históricocultural que se transforma conforme as condições da realidade objetiva de um determinado tempo. Por décadas, essa

categoria foi ignorada no campo acadêmico, mas foi a partir dos anos de 1990, que o tema juventude ganha grandes dimensões, projeções e interesses “nos discursos e nas pautas políticas” como aponta Abramo (2011, p.38). Foi nesse período que houve a delimitação da faixa etária que consideram jovens as pessoas entre 15 e 24 anos, pelos organismos que estavam interessados em diferenciar as características de cada etapa de vida.

Na pesquisa “Perfil da juventude brasileira”, Novaes (2011), parte do pressuposto de que as mudanças ocorridas no perfil da juventude nos últimos anos aconteceram também em virtude dos novos espaços de socialização privilegiados pelos jovens para a participação na sociedade, conseqüentemente, seu engajamento foi mudando conforme o desenvolvimento histórico. Atualmente, falase em juventudes e não no singular, juventude, pois há uma heterogeneidade nesse grupo etário (ABRAMO, 2011).

Dentre esses espaços de socialização, os jovens inserem-se em diferentes movimentos religiosos. Novaes (2011, p. 263), diz que “a religião pode ser vista como um dos aspectos que compõem o mosaico da grande diversidade da juventude brasileira”. Os estudos revelam a necessidade de se compreender a relação entre juventude e religião e os modos de ser jovem.

Para compreender o que os jovens pensam sobre os valores atribuídos à religião e às ervas, foi realizada uma entrevista com duas jovens: Laura e Luana. Laura tem 24 anos, formada em jornalismo, trabalha com marketing, praticante da religião há um ano, é parda e mora com seus familiares; Luana tem 22 anos, estudante do curso de Direito, é parda e mora também com seus pais.

Laura considera importante conhecer as plantas sagradas e sua utilização nos diferentes rituais. Apesar de ser jovem no terreiro, ela demonstra sabedoria sobre o assunto. Usando uma folha de arruda atrás da orelha, perguntei o valor simbólico dela: “Tem ervas, né. E todas elas a gente pode usar pra chá ou pra banho, e ela tem essa

função mesmo de descarregar, de limpar a energia. Então, todas as plantas têm uma função, né” (sic).

Para a jovem Laura, as ervas e os recursos naturais representam o sagrado.

“É muito importante, né, qualquer contato com a natureza já é curador em si, né, quando a gente vai numa cachoeira a gente se sente melhor, se sente revitalizado, mas a própria planta de poder, ela traz toda a selva nela mesma, estão mesmo se a gente utilizar ela aqui nessa sala”. Para Luana, percebe-se a importância de estar sintonizada e íntima com a Mãe-natureza. “Tem uma coisa que é muito especial, que é abraçar as árvores. Olhar as pequenas coisas, as coisas simples e é bom mesmo. O preto velho manda a gente abraçar as árvores o tempo todo” (sic).

Percebe-se que as jovens atribuem um sentido sagrado aos valores simbólicos com a religião, a qual representa força vital que vem das substâncias extraídas da natureza.

Considerações finais

Na entrevista, foi possível perceber o que as jovens aprendem nas rodas de conversas com as “bibliotecas vivas,” a reverenciar a Mãe-Natureza, e os saberes que vêm da mata em suas práticas ritualísticas de cura e uma relação íntima de devoção com os elementos sagrados da natureza. Assim, as folhas sagradas, as plantas e os vegetais são importantes na cultuação dos orixás e na preservação dos recursos naturais.

Referências

ABRAMO, Helena Wendel. Condição Juvenil no Brasil contemporâneo. In:
ABRAMO, Helena Wendel e Branco, Paulo Martoni (orgs). *Retratos da juventude brasileira. Análises de uma pesquisa social*. Condição Juvenil no Brasil contemporâneo. Fundação Perseu Abramo e Instituto Cidadania, 2011.

CAMARGO, Maria Thereza Lemos de Arruda. *Plantas medicinais e de rituais afrobrasileiros I*. São Paulo: ALMED, 1988.

CAPUTO, Stela Guedes. *Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de candomblé*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Pallas. 2012

NOVAES, Regina. *Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença?* Fundação Perseu Abramo e Instituto Cidadania, 2011.

OLIVEIRA, Irene Dias de. *Qual a cor da sua pele?: povo negro construindo identidades na diáspora*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

OLIVEIRA, M.F.S. de; OLIVEIRA, O.J.R. de. *Na trilha do caboclo: cultura, saúde e natureza*. Vitória da Conquista: Ed. UESB, 2007.

SOUSA JÚNIOR, Vilson Caetano. *Nossas raízes africanas*. São Paulo, Atabaque, 2004.

SOUZA, Janice. *Reinvenções da utopia: a militância política de jovens dos anos 90*. São Paulo. Ed. Hacker, 1999.

YEMONJA, Mãe Beata. *Caroço de dendê – a sabedoria dos terreiros – como Ìyálórisà e Babalórisà passam conhecimentos a seus filhos*. Rio de Janeiro, 1997.